

RELIGIÃO E GÊNERO: ONDE EMERGE O FEMINISMO?

Religion and gender: where does feminism emerge?

Alesca Prado de Oliveira¹

Alessandro Gomes Enoque²

Resumo

Este trabalho tem como objetivo tratar questões que relacionem gênero e feminismo e, a partir disso, compreender as representações do movimento feminista na perspectiva de fiéis e ex fiéis de igrejas protestantes de uma cidade do interior de Minas Gerais. O presente estudo foi estruturado a partir dos pilares da pesquisa qualitativa. A coleta de dados ocorreu através da realização de quinze entrevistas semi-estruturadas realizadas com indivíduos de acordo com sua trajetória religiosa. Para a análise utilizamos a técnica de análise de conteúdo. Observamos que os avanços conquistados ao longo da luta feminista foram descritos por ambos os grupos. Além disso, são notáveis as semelhanças de situações as quais o grupo pesquisado, como um todo, é exposto cotidianamente, quando colocados na categoria a qual pertencem: mulheres. É certo, todavia, que esta pesquisa não esgota as possibilidades da temática pesquisada, abrindo caminhos demais trabalhos inseridos na lacuna gênero, feminismo, religião e seus reflexos sociais.

Palavras-chave: Religião; Igrejas Evangélicas; Feminismo; Mulheres.

Abstract

This study is intended to handle issues that relate gender and feminism and, from this point, comprehend the representations of the feminist movement from the perspective of the faithful and former faithful of protestant churches in a city in the interior of Minas Gerais. The present study was structured from the pillars of the qualitative research, and the data collection took place through semi-structured interviews, where fifteen women were interviewed, selected according to their religious trajectory, using the Snowball research technique. For the analysis of these interviews we used content analysis (CA). The progress achieved during the feminist struggle was described by both groups, and in addition to that, we can easily observe that the similarities of situations that the surveyed group, as a whole, is exposed on a daily basis are highlighted when they are placed in the category to which they

¹ Mestre pelo Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGEP) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Graduada em Gestão em Saúde Ambiental pela Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: alescaprado_@hotmail.com. Cidade: Uberlândia.

² Pós-Doutor em Sciences Humaines pela École des Sciences de la Gestion (ESQ) da Université du Québec à Montréal (UQAM). Doutor em Ciências Humanas (Sociologia e Ciência Política) pela Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais (FAFICH/UFMG). Mestre em Administração de Empresas (Área de Concentração: Organizações e Recursos Humanos) pela Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais (FACE/UFMG). Professor Associado da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais (PPGCS) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). Professor Permanente do Programa de Pós-Graduação em Geografia do Pontal (PPGEP/PONTAL) da Universidade Federal de Uberlândia (UFU). E-mail: alessandroenoque@ufu.br. Cidade: Uberlândia.

belong: women. It's true, however, that this research doesn't exhaust the possibilities for the researched topic, opening precedents so that other studies can be inserted in the gender, feminism and religion gap and its social reflexes.

Keywords: Religion; Evangelical Churches; Feminism; Women.

Introdução

Diversos estudos contemporâneos têm como proposta a compreensão das relações estabelecidas pelo gênero em diferentes arranjos sociais. O avanço destas discussões, que pautam os lugares ocupados por mulheres em diferentes contextos temporais, mostram as mudanças ocorridas e a forma como o gênero permanece estabelecendo relações nas dinâmicas da atualidade (SOUZA, 2015; SOUSA; GUEDES, 2016; TEIXEIRA, 2008). Neste contexto, pesquisas que buscam compreender as relações atribuídas a partir do gênero e suas implicações na conformação da sociedade exercem papel fundamental para que questões implícitas decorrentes destas relações surjam e sejam clarificadas.

O avanço dos estudos feministas e suas epistemologias têm criado condições para que estas investigações sejam desenvolvidas de maneira a explicitar, no campo científico, as relações de gênero e as especificidades produzidas a partir delas. O presente estudo está inserido na lacuna existente nas pesquisas que relacionem a tríade temática: gênero, feminismo e religião, e, neste ensejo, as novas formas de percepção das mulheres do ensejo religioso, assim como fatores que as mantêm inseridas nestes arranjos e as forças que movem as relações de poder estabelecidas e, ainda considerando esta dinâmica, as influências do movimento feminista.

Este artigo tem o intuito de tratar questões que relacionem gênero e feminismo e, a partir disso, compreender as formas e as possibilidades de organização de mulheres, concebendo o gênero e identificando o estopim desta busca. Apreendemos gênero, assim, como um conceito capaz de evidenciar relações de poder e ordens de discurso materializados no espaço (LIMA, 2011; MACHADO, 1999; SOUZA, 2007). Este trabalho teve como principal objetivo analisar as semelhanças e diferenças nas representações de gênero no que tange a interseção entre feminismo e religião entre fiéis e ex fiéis de instituições evangélicas de uma cidade do interior de Minas Gerais

Referencial Teórico

Tratar das ciências que evidenciam as relações que envolvem mulheres exige o acompanhamento da evolução dos conceitos e os focos dos estudos. O desenvolvimento de pesquisas que inserem mulheres em suas autorias e que pautem as dinâmicas femininas esteve atrelado ao movimento feminista, que, ao longo do tempo, buscou por igualdade nas diversas áreas, possibilitando que mulheres ocupassem espaços que antes eram predominantemente masculinos.

A terminologia de gênero, que substituiu o conceito de mulheres nos estudos científicos, foi amplamente difundida nos estudos a partir de 1975, quando foi lançado o clássico "*The traffic in women: notes on the political economy of sex*", de Gayle Rubin, que abordou o sistema sexo/gênero em sua discussão. A obra dá a partida na discussão de gênero e foi escrita com um pensamento progressista e feminista. As contribuições de Rubin (1975) são expressivas na construção do conceito de gênero e na distinção entre o mesmo e sexo, onde compreende o gênero como a divisão de sexos, resultante da estrutura socialmente imposta.

Scott (1990) apontou que os estudos sobre gênero como categoria tomaram maior proporção no século XX, o que para a autora foi mérito da preocupação de algumas pesquisadoras feministas. Nesse sentido, a autora apresenta sua contribuição para o uso do gênero como uma categoria de análise a partir de uma concepção em que é possível compreender as relações de gênero na construção da sociedade. A sua análise insere a compreensão da política e do poder na discussão acerca de mulheres e gênero. Nessa linha, a compreensão da autora sobre gênero vai além do seu conceito em si, mas o que ele produz na sua representação e na construção identitária do que é masculino e feminino, considerando suas particularidades em contextos específicos, pelos quais permeiam política e poder.

Apreender as estruturas de gênero vai além do debate do seu conceito. As relações estabelecidas e naturalizadas, oriundas da carga imposta a ele, perpetuam-se nas significações e normas sociais, criando espaços e dinâmicas que corroboram com a manutenção de uma identidade fixa para mulheres. A partir desta problemática, surge a compreensão do

gênero como um conceito relacional, que pertence às relações sociais e tem sua significação nas relações de poder (COSTA; MADEIRA; SILVEIRA, 2012).

Com o avanço das discussões que pautam o gênero, os estudos do religioso, com essa interseção, começaram a ser expandidos no campo científico (BANDINI, 2005; BUTTELLI, 2008; COSTA, 2014). Desta maneira várias perspectivas são trabalhadas com o intuito de desvelar como as relações de gênero são estabelecidas no ambiente da religião e os produtos cotidianos a partir destas.

Ribeiro (2003), ao trabalhar gênero nas comunidades eclesiais de base, desvelou que a forma com que a igreja alocou as mulheres em suas atividades ao longo dos anos, abriu caminhos para movimentos que pautem esse cotidiano e nessa condição, questionem suas posições. A autora trabalha com a historicidade dos Encontros Intereclesiais que, juntamente, a uma demanda social, trouxeram em suas pautas as transformações das temáticas de mulheres.

Embora estudos com esta temática tenham começado a se difundir no campo acadêmico, Rosado (2017) pontua a falta de estudos da ciência da religião que encontrem as temáticas de gênero ou feminismo. A autora trata da força de desconstrução do gênero, atravessando e moldando todos os aspectos da realidade, intimidando assim as religiões e a ciência, fazendo com que a interseção entre esses dois campos aconteça, entretanto, de maneira gradual.

Quanto às pesquisas existentes, é possível perceber os sentidos que os estudos que compreendem o gênero como conceito capaz de evidenciar situações, decorrentes das relações de gênero, começam a seguir. As relações de poder, a imagem feminina, a força dos ritos, a diferenciação entre as religiões para com o gênero, questões de sexualidade e novas epistemologias e interpretações do fenômeno religioso são temas que mostram o avanço das novas perspectivas e direções dos estudos da religião, que compreendem também novas metodologias e fornecem assim subsídio para novos estudos (ALENCAR; FAJARDO, 2016; BANDINI, 2015; SOUZA, 2015).

É importante dizer também que os estudos da religião também sofreram com os impactos do feminismo, sendo perceptível em diferentes aspectos, como propôs Rosado (2001), seja pela atuação da teologia feminista ou pelas novas conformações de fé expressas por mulheres, que constroem rearranjos para a inserção em contextos religiosos que de acolhimento. Nessa lógica, é importante recuperar o que foi colocado por Rosado (2017), que reforçou que embora os estudos acadêmicos resistam às novas propostas oriundas do feminismo, por outro lado, as cientistas feministas resistem às religiões e aos espaços de opressão.

Segundo Rochefort (2004), existem tipos de respostas feministas diferentes para o que é posto pelas religiões, uma delas é quando reconhecem as instituições e suas relações de poderes mas também consideram seus saberes e sua influência na construção das relações de gênero; outra é quando há a rejeição do religioso como absolutamente patriarcal; e aquelas que reconhecem as possibilidades de reforma e mudança de ritos e doutrinas.

Neste sentido, Freire (2018), aponta que as abordagens feministas foram de grande valia para o estudo das religiões, reiterando Gebara (2010), que ressaltou a importância das mulheres no impulso das mudanças e novos rumos das pesquisas acadêmicas. Ainda em seu estudo, pontua que a ciência moderna reflete os anos de cerceamento da inserção de mulheres no campo científico, e salienta que, o movimento de aproximação feminina das pesquisas exige mudanças estruturais e de métodos. As contribuições feministas constroem dois caminhos que participam para a mudança do fazer científico, sendo o primeiro pelas mulheres fazendo ciência e o segundo tendo as mulheres como objeto de pesquisa.

Rosado (2001) explicita a trajetória dos elementos do feminismo na crítica às religiões, apontando a compreensão inicial da concepção da religião como controle e manutenção da subordinação feminina e, depois, apreendendo a influência da religião no controle de conceitos e métodos das pesquisas feministas. Nesta sequência, reitera o que fora colocado por Gross (1996), que traçou o caminho realizado pelas análises feministas, partindo do judaísmo e cristianismo e depois para as demais religiões.

O início das análises feministas da religião ocorreu a partir de uma crítica interna realizada por mulheres fiéis, seguido pelo movimento de reinterpretação dos textos bíblicos, começado nos Estados Unidos. A compreensão androcêntrica das teologias cristãs incumbe às mulheres a função da maternidade, o que é refutado pela crítica feminista de teólogas, que reiteram a potencialidade de mulheres como agentes capazes de decisões, incluindo neste sentido juízos sobre a concepção de filhos e a sexualidade, dentre outros âmbitos (ROSADO, 2001).

A neutralidade científica, criticada por Freire (2018), apresentou os traços que incumbiram às mulheres a distorção e a omissão de seus papéis, apresentando comumente como viés principal a experiência masculina. A epistemologia e a construção científica feminista têm a capacidade de mudança na característica do fazer científico e na construção de teorias que foquem as relações de gênero, produzindo novas análises, confirmando propostas e rejeitando proposições que não refletem estas relações.

O interesse da epistemologia feminista em desvelar quem e quais os interesses de produção das teorias científicas é pontuado por Freire (2018), colocando a crítica feminista em embate com o conhecimento hegemônico produzido. É indicado ainda pela autora a importância da utilização da categoria gênero para fundamentar e sustentar esse rumo epistemológico. Retomando o emprego do conceito de gênero, Pra (2014) descreve que o seu uso nas pesquisas acadêmicas parte da constatação das relações de poder a partir do sexo e da subordinação feminina, o que pode refletir as diversas formas de discriminação assim como a violência de gênero. Ainda nesta perspectiva, em sua compreensão, Freire (2018) sintetiza a importância da categoria de gênero para a ruptura da dicotomia estabelecida pelas análises baseadas no sexo biológico, considerando a dimensão relacional desta perspectiva.

Gebara (2010) contribuiu fortemente para a compreensão que o feminismo soma cientificamente com a construção de novas perspectivas de análise que compreendam a pluralidade das relações e valorizem os diferentes cotidianos. É importante aqui identificar as mulheres como protagonistas na busca desta compreensão.

Em seu estudo do perfil dos autores da Revista de Estudos Feministas (REF), Diniz e Foltran (2004) apontaram que a área era majoritariamente feminina, explicitando a divisão sexual do trabalho nesta área, onde também apontaram que as contribuições masculinas publicadas no periódico eram de maioria estrangeira, reiterando a busca de mulheres da apreensão deste campo e do diálogo para com outras mulheres. Ainda neste trabalho as autoras concluíram que a produção bibliográfica era densamente maior na região sudeste, além de ser um trabalho solitário, onde a maioria das publicações é assinada apenas por uma autora.

Neste sentido, afirmando o que fora proposto por Freire (2018), a ciência feminista da religião possibilita a comunicação entre as mulheres, como objeto de pesquisa e ainda na posição de pesquisadoras, “compreensão marcada pela reciprocidade e interdependência das mulheres, que muitas vezes foram esquecidas pela história, pela ciência e pelas religiões” (FREIRE, 2018, p.129).

Roose (2016) enfatiza que por serem campos novos, tanto as epistemologias feministas, quanto as ciências da religião contam com grande potencial para iniciar mudanças críticas às ciências positivistas. Ainda em seu estudo, a autora ressalta que a entrada de pesquisadoras feministas em diversas áreas do conhecimento naturalmente causará estranheza, uma vez que, estes espaços eram antes dominados por outros sujeitos, adentrando em estruturas de saber e poder que antes não eram possíveis.

Metodologia

O presente estudo foi estruturado a partir dos pilares da pesquisa qualitativa, de caráter compreensivo, que utiliza dos significados, das ações, dos motivos, das crenças e valores que, em conjunto, correspondem a um olhar mais profundo das relações e processos que não são redutivos a quantificações (MINAYO, 2002).

A coleta de dados ocorreu através da realização de entrevistas semiestruturadas, ou seja, com eixos que norteiam o entrevistador mas que ao mesmo tempo dispõem da liberdade necessária para que entrevistado e entrevistador percorram os eixos com fluidez através do diálogo. Quinze mulheres foram entrevistadas, e a seleção ocorreu de

acordo com a sua trajetória religiosa, dividindo o universo pesquisado em dois grupos. O primeiro, de mulheres ativas no contexto evangélico, foi composto por sete mulheres em uma cidade do interior do estado de Minas Gerais que apresentavam vínculo com uma universidade pública de ensino superior. O segundo grupo, formado por oito mulheres, foi selecionado com o critério de que as mulheres tivessem em suas vivências trajetória dentro de instituições evangélicas, entretanto, que tenham rompido o vínculo em algum momento e que também apresentassem vínculo com a universidade.

Para a seleção das pesquisadas foi utilizada a técnica de Bola de Neve. Partindo do pressuposto de que as primeiras mulheres entrevistadas foram selecionadas no contexto de grupos de organização de mulheres de uma instituição pública de ensino superior no interior de Minas Gerais, o recurso utilizado foi o de cadeias de referência. Vinuto (2014) apontou que esta forma de amostra é útil para pesquisa em grupos de difícil acesso, uma vez que utiliza de um intermediador para o contato entre pesquisador e pesquisado, entendendo que fazem parte da mesma rede de influência. No caso desta, este foi um recurso importante, visto que os componentes não poderiam ser escolhidos de maneira aleatória.

As entrevistas foram gravadas e posteriormente transcritas pela pesquisadora. A seleção dos atores ocorreu entre os meses de julho e agosto de 2018, as entrevistas foram realizadas nos meses de setembro e outubro, as transcrições foram finalizadas em novembro de 2018.

Quadro 01 – Perfil das entrevistadas

Entrevista	Perfil
Entrevistada 1	24 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 2	21 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevista 3	22 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 4	23 anos, orientação sexual indefinida, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevista 5	22 anos, bissexual, união estável, 1 filho, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevista 6	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.

Entrevista 7	25 anos, bissexual, solteira, sem filhos, psicóloga, ensino superior completo. Dissidente.
Entrevista 8	24 anos, heterossexual, casada, sem filhos, psicóloga, ensino superior completo. Dissidente.
Entrevista 9	22 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 10	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 11	20 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevista 12	23 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Dissidente.
Entrevista 13	31 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, designer, pós graduação incompleta. Dissidente.
Entrevista 14	20 anos, heterossexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.
Entrevista 15	21 anos, bissexual, solteira, sem filhos, estudante, ensino superior incompleto. Fiel.

Fonte: Elaboração própria.

Para a análise dessas entrevistas utilizamos a técnica análise de conteúdo (AC) (CAREGNATO; MUTTI, 2006). Campos (2004) compreende que a AC propicia a valorização da fala em suas faces polissêmicas e fornece ao pesquisador maior variedade de interpretações, e, neste ensejo, é considerada a forma de expressão do sujeito pesquisado, permitindo categorizar palavras e frases por meio das expressões que representam.

Análise dos Dados

Butler (2003) considerou problemas na definição da categoria de gênero, apontando que o conceito faz perpetuar o binarismo que limita a concepção do feminino/masculino. A autora faz ainda uma reflexão sobre o feminismo como movimento em transformação, apresentando seus questionamentos como impulsos para renovação. Nesse sentido, como podemos analisar no Fragmento 01, a entrevistada faz referência à diferenciação das figuras masculina e feminina, pontuando tal aspecto como fundamental na compreensão do que é ser mulher. É explícito o entendimento de complemento da imagem da mulher, a sua posição como auxiliadora, colocando a figura masculina no papel de condutor, e por que não, dominador, auxiliado pela figura feminina.

(01) Acredito que a gente veio para somar mesmo, são dois diferentes. Os homens têm as suas percepções, nós temos as nossas.

Às vezes é uma mesma situação percebida de maneira diferentes, acredito que é para somar, um companheirismo, uma parceria, estar ali do lado. Na bíblia fala é bom que o homem não esteja só. Fala da importância de ter alguém, porque ai de você se cair sozinho, se você tiver outra pessoa ela vai poder te levantar. Acredito que a mulher seja essa auxiliadora mesmo, companheira, parceira que vai trabalhar junto, vai lutar junto por tudo, pela conquista de tudo. O homem ser o cabeça de direcionar as coisas, mas a mulher sendo fundamental para a conquista de todas as coisas (Entrevistada 10).

(02) Eu percebo que mulheres de uma forma geral tem muito mais empatia, por exemplo com os LGBT, por sofrerem discriminação, do que os homens têm, então eu acho assim, que a mulher tem essa percepção, e, e eu sendo mulher eu percebo que, que até pelas situações de discriminação que eu vivi, que toda mulher vive né, eu tenho uma visão mais humana de todas as, de tudo aquilo que foge do padrão né (Entrevistada 03).

O Fragmento 02, complementa a ideia da diferenciação da figura masculina e feminina com a compreensão de que as opressões vivenciadas pelas mulheres constroem diferentes visões de mundo, que pelo modo de dominação masculina, estabelecido pelo contexto patriarcal, não permite que homens experienciem tais situações, tal qual propôs Silva (2015), que salientou que é imprescindível que as diferenças de atribuições, postas pelo machismo, sejam de conhecimento de ambos os gêneros, o que também segue em consonância com o Fragmento 03.

(03) A construção social que a gente tem é de que nós somos inferiores, isso vem desde sempre, desde sempre, desde que o mundo é mundo e nós aprendemos na bíblia que deus tirou a costela de Adão para fazer Eva, desde sempre, nós mulheres somos tidas como inferiores, acho que é porque eles sabem o poder que a gente tem quando a nós estamos unidas, mas nós desde sempre somos as que ficamos em casa cuidando dos filhos, cuidamos do lar e ainda temos que cuidar do marido, porque aparentemente a gente não é esposa, a gente é outra mãe (Entrevistada 05).

Ainda no que se refere à percepção sobre o ser mulher, foram pontuadas as situações de opressão sofridas pelas mulheres pelo seu condicionante de gênero, aliada à falta de espaço e à desigualdade enfrentada na disputa por espaços sociais. Este entendimento retoma o que fora compreendido por Scott (1990), que além de apontar gênero como elemento constitutivo das relações, cita seus efeitos, aliados a dominação masculina, na construção das identidades, forjando moldes e delimitando estruturas de poder.

(04) Uai eu acho que ser mulher no mundo hoje é ter que lidar com o mundo que vai te regular muito mais, que vai ser violento com você

muito mais que com os homens (...) isso vai fazer com que você tenha que seguir mais regras, se controlar mais, se abdicar mais de você ou ter um certo tipo de comportamento que, específico de ser mulher, assim, que eu acho que ele prende a gente assim como outros comportamentos prendem os homens também, tem que ter comportamentos de homens. (Entrevistada 07)

(05) Olha, as mulheres são sofridas. Vejo assim, é muito bom ser mulher em alguns aspectos, eu gosto de ser mulher. Em outros é muito difícil, eu já tive vontade de desistir de ser mulher, porque eu falo assim, por que eu tenho que passar por isso, sabe? Então assim é muito conflitante, parece que ao mesmo tempo que você tem um lugar, mas você não quer aquele lugar que é pré-estabelecido. Na vida eu sofro um conflito diário, porque eu não quero esse lugar de dona Amélia. Eu não nasci para isso, não gosto disso. (Entrevistada 13)

(06) Na vida em geral, eu acho que a percepção de ser mulher é muito cobrada pelas pessoas e pela sociedade, pela família, você tem que fazer isso, você tem que fazer aquilo, mas eu acho que cada mulher tem uma percepção e cada mulher precisa encontrar essa percepção. (Entrevistada 15)

A opressão e as situações de desigualdade de tratamento vivenciadas pelas mulheres refletem nos seus relatos, apresentando as violências possíveis de serem sofridas dentro das relações de gênero (Fragmento 04). Neste sentido, o papel social estabelecido para a imagem feminina, salientado nos Fragmentos 04, 05 e 06, referência o lugar doméstico que fora atribuído as mulheres ao longo do desenvolvimento da sociedade, o que reafirma a teoria de Scott (1990), compreendendo a natureza recíproca do gênero nas representações e na estruturação identitária.

Queiroz (2008) cita o poder distribuído de maneira desigual entre os gêneros e salienta os comportamentos e ações que ocorrem de maneira diferente nas relações sociais e afetivas a partir disso, para além da compreensão da forma violenta que a opressão de gênero pode acometer as mulheres (Fragmento 04), é notável inferir (Fragmento 05) a insatisfação do que é estabelecido para a entrevistada e o conflito enfrentado por ela para exercer tal atribuição. As possibilidades conquistadas pelas mulheres, também foram pontuadas (Fragmento 06), entendendo a ruptura do que fora estabelecido socialmente para o estímulo da compreensão de novas alternativas onde estas mulheres podem estar inseridas.

No anseio de perceber a relação estabelecida com o feminismo, considerando que dentre as pesquisadas existem mulheres ativas no contexto evangélico e demais que romperam com este arranjo, buscamos primeiro adentrar na maneira com que estas entendem o movimento.

(07) Eu sou feminista desde o dia que eu nasci, então, é ótima a minha relação com o feminismo. Eu não participo de um grupo específico de militância, mas assim eu já trabalhei, até na faculdade de direito, com apoio à violência, à mulheres vítimas de violência, eu participava de um grupo de teatro do direito que trabalhava muito essa questão (...) então assim, eu me considero feminista, até porque, por eu ser cristã, eu acredito que há sim uma diferenciação entre homens e mulheres, as diferenças elas vem para nos complementar e não para nos oprimir né. (Entrevistada 03)

(08) Eu sou feminista radical, eu acredito que para resolver todo esse problema que a gente está, temos que mudar as coisas na raiz de tudo, eu me descobri feminista em 2014, me descobri feminista radical em 2016 mas assim, não digo que serei para sempre, a vida é uma eterna construção, ninguém é um ser completo e a gente tá aí para aprender. (Entrevistada 05)

(09) Então, eu fui descobrir o que era feminismo depois, mas aí eu percebi que já tinha muita coisa em mim, que eu já fazia, que tinha a ver com isso assim. (Entrevistada 07)

(10) Eu me considero feminista, antes eu não entendia o que era isso, porque passa para a gente até a questão da igreja, passa para a gente que feminista é uma mulher por exemplo ela quer direitos mas assim, como que eu posso explicar, por exemplo, eu quero direito mas até eu sair com homem e homem pagar minha conta, sabe? Essas coisas que a gente escuta e a gente é boba quando a gente é pequena assim, quando a gente é mais nova. O que falam para gente, até já ouvi muito assim, eu só concordava e falava ok e tal. (Entrevistada 12)

(11) Eu me descobri feminista né. Acho que faz... Sei lá, uns 2 anos. As pessoas começaram a me intitular como feminista "a, legal né, então eu sou mesmo", e passei a defender, a estudar mais sobre isso, a me defender mais como mulher, a querer participar ativamente de coisas relacionadas a isso. Tanto que eu trabalhei, fiz um projeto de extensão, pela minha faculdade, numa ONG que assim, eu não estava diretamente ligada às mulheres, mas eu usava da tecnologia para cuidar dos dados, arrumar os dados lá, ajudar eles em questão de planilhas de excel. (Entrevistada 14)

Percepção comum, apresentada nos Fragmentos 07, 08, 09, 10 e 11, é a de que as mulheres se descobriram feministas. O entendimento do que pauta o movimento, por vezes, veio acompanhado com o amadurecimento das pesquisadas e do contato com diferentes contextos sociais as quais estavam incumbidas, como a universidade, o que proporcionou a criação de novas redes e apoio e vivências a partir de novas perspectivas.

A reflexão de que a partir dos avanços nos direitos sociais o papel feminino tem sido pauta de discussão nas instituições religiosas (ARAGÃO FILHO, 2011) reflete o que é colocado nos Fragmentos 07 e 11, apresentando que ao passo que as mulheres descobriram estar inseridas no movimento e passaram a compreender a si próprias como parte de um todo, buscaram de

diferentes formas atuar em causas relacionadas às pautas feministas, colaborando, dentro de suas possibilidades individuais, com outras mulheres em situação de opressão e violência. Aragão Filho (2011) apresenta ainda a provocativa das novas estratégias, dentro das religiões, de inserção de mulheres e das maneiras como estas contribuem nos processos para ganhar a simpatia do público feminino, atuando como agregadoras de novos fiéis e trabalhando assim na linha de frente das igrejas.

Outro ponto comum (Fragmentos 09 e 10) são as práticas cotidianas na vivência das entrevistadas, não reconhecidas dentro do ensejo feminista, abrindo a compreensão de que estas já experienciaram o feminismo em seus cotidianos, tendo a igreja (Fragmento 10) papel importante para o não reconhecimento da causa.

Uma contradição descrita por algumas das entrevistadas (Fragmentos 12 e 13), diz respeito à ser cristã e ao mesmo tempo reivindicar o feminismo. Contrapondo tal fato, o entendimento apresentado no Fragmento 07 refuta esta discordância, pontuando a igualdade buscada no contexto religioso através da compreensão da diferença entre homem e mulher.

(12) Olha, não acredito que eu possa falar que eu sou feminista, porque, é uma contramão, às vezes, algumas coisas assim que eu faço o feminismo aborda, entendeu? (Entrevistada 06)

(13) Não sou feminista, mas, algumas ideias do feminismo eu apoio. (Entrevistada 09)

Os Fragmentos 12 e 13 apresentam a ideia na qual o estereótipo da mulher crente é reforçado. Contudo, também abre precedente para avistarmos a mudança, mesmo que distante, uma vez que embora as pesquisadas, ativas no meio evangélico não se considerem feministas, elas apoiam e corroboram com determinadas pautas.

Considerando as falas das pesquisadas, podemos aqui lembrar o que foi pontuado por Scavone (2008), que afirmou que as transformações sociais e a difusão das ideias feministas afetaram todas as relações de gênero. O campo religioso e seu aspecto institucional, desta maneira, também sofreu os efeitos culturais das ideias feministas.

No que se relaciona ao envolvimento das entrevistadas em movimentos organizados de mulheres, poucas são as que estão organizadas. Os relatos apresentados por elas, como explicita o Fragmento 14,

demonstram a necessidade de organização para o avanço das pautas que buscam a igualdade e o reconhecimento feminino.

(14) Então, no início da coletiva a gente tinha reuniões de mulheres para, sei lá, fazer oficinas de turbante, fazer coisas para a nossa autoestima e discutir também feminismo negro, por que a gente tem que ter esse senso de coletividade e às vezes dessa interseccionalidade também que é necessária, e a coletiva também proporciona que a gente conheça outras mulheres que não conheceria se não fosse da coletiva, e conhecer uma faz a gente conhecer várias outras e quanto mais a gente tiver se reunindo mais a gente vai se unir né? (Entrevistada 04)

Cabe aqui ressaltar situação pontual descrita por uma das pesquisadas, onde a mesma descreve sua trajetória no feminismo e em movimentos organizados, todavia, salienta a ruptura, como apresenta o Fragmento 15.

(15) Olha, eu já participei, mas, depois que eu me tornei mãe, é um pouco inviável, não só por questão de tempo, mas porque o próprio feminismo, eu falo isso, e é triste falar isso, mas o feminismo não foi feito para mães, ainda mais quando você é mãe de um menino, você é muito discriminada, muito, e é muito triste falar isso, é muito triste perceber isso, que você enquanto mulher se acha superior à outra mulher por ela ter gerado um filho homem, não faz sentido, deveríamos ficar felizes porque o menino nasceu dentro da minha família, onde eu vou criá-lo da melhor forma possível para que ele não perpetue o que está aí. (Entrevistada 05)

O que está expressado no Fragmento 15 é a compreensão, por parte da entrevistada, das limitações que o movimento apresenta e que foram pontuadas no decorrer de diversas outras entrevistas, onde as mulheres descreveram os agravantes possíveis que aumentam e dificultam o acesso feminino à igualdade nos postos sociais estabelecidos.

Neste sentido, compreendendo o envolvimento das mulheres pesquisadas com o feminismo e com organizações, adentramos no ensejo das mudanças e possíveis conflitos existentes na trajetória destas, entendendo as estruturas religiosas tradicionais e os anseios da pauta feminista. Questionadas se ocorreram mudanças na percepção da religião a partir do contato com o feminismo, convergências e divergências surgiram nas respostas entre fiéis e dissidentes, trazendo diferentes leituras sobre esta relação.

(16) É tipo, você começa a perceber umas coisas muito assim, as mulheres eram vendidas, elas eram trocadas por bezerros, os caras

tinham altas esposas e era ok, era super ok, até hoje é super ok na verdade. Eu falo assim, até na igreja mesmo, se você descobre que um cara ta traindo a mulher assim, é uma coisa tipo nossa, mas se a mulher tava traindo o cara, meus amigos, ela é tipo banida, exortada, jogada no lixo, mesmo. (Entrevistada 02)

(17) Então eu acho que eu consigo fazer uma leitura, até da própria bíblia, com o olhar menos influenciado, porque eu acho que o texto bíblico ele, ele é muito influenciado por quem traduziu né, apesar de eu acreditar que é uma escritura sagrada, eu percebo que na tradução vão se inserindo vários preconceitos que os próprios tradutores têm, que os próprios teólogos na hora de interpretar imprimem. Então assim, já existem teólogas feministas que fazem uma interpretação do texto bíblico, que deixa de lado as construções machistas que a gente tem né, com um outro olhar. Eu percebo que muitas vezes a igreja, ela tem posturas feministas mas que não admite que são feministas, e até eu consigo perceber mais na, nos mínimos detalhes, o que que é uma situação de discriminação e o que não é, entendeu? (...) E assim, eu acho que tendo essa percepção a gente consegue atuar, até próprio, dentro da religião, como forma de ajudar as mulheres, entendeu? Porque às vezes as mulheres que estão dentro da igreja, por não terem tido contato com feminismo, elas se acomodam em algumas posturas que nem elas percebem que estão sendo maléfica para elas, mas assim, a gente não tá lá para fazer só elas enxergarem, mas para libertar elas desse tipo de coisa, elas não precisam se declarar feministas, desde que elas tomem posturas, de que elas se libertem de algumas amarras que nem elas mesmas percebem. Eu não acho o problema é religião, o problema são as pessoas que estão atuando na religião, entendeu? (Entrevistada 03)

Os Fragmentos 16 e 17 explicitam a percepção das desigualdades no tratamento entre os gêneros dentro das instituições, percepção esta que foi desenvolvida a partir do contato com o feminismo. É comum, nas situações apresentadas, a postura de proteção das instituições ao comportamento masculino, como fora colocado no Fragmento 16, que reforça a bíblia como alicerce para manter esse padrão. Lopes (2013) salientou a utilização do contexto patriarcal no qual a bíblia foi escrita para manter a estrutura de dominação e exclusões das mulheres, ressaltando a importância dos mitos e tabus para esta justificativa.

É marcado pelo Fragmento 17 a negação da instituição religiosa de reconhecimento de determinadas práticas como feministas. Contudo, a entrevistada, ativamente inserida no contexto religioso, apresenta novas possibilidades de interpretação das escrituras religiosas que rompem com os tradicionalismos que subjagam as mulheres. Neste sentido, corroborando com o que fora proposto por Freire (2016), a contribuição de diferentes interpretações, incluindo a de teólogas feministas, no arranjo religioso,

colabora para a ruptura de situações de opressão para as mulheres que optam pela inserção nestas estruturas religiosas.

As mudanças nas percepções sobre a religião, causadas pelo feminismo, foram relatadas entre as mulheres dissidentes das organizações religiosas de maneira mais enfática, onde por vezes resultou no rompimento com este arranjo.

(18) Ai, de não aceitar uma estrutura familiar que a mulher vai pra igreja pra sei lá, pedir pro marido melhorar, pedir pra Deus ao invés de ela sair dali sabe, esse entendimento de que não é deus que vai melhorar o homem. Que sei lá. que é mal, não é deus que vai melhorar a estrutura do machismo e de entender que não é da pessoa também do homem, participar, ser daquele jeito que é toda uma estrutura que inclusive na bíblia é machista, que vai sendo passada pra gente sabe, então sair da igreja e estudar faz a gente entender mais isso, que o homem na verdade ele só tem atributos físicos que parece mais forte que a gente, mas em todo o resto eu acho que não é mais forte, e o feminismo me abriu muito a cabeça sobre isso e de não ter rivalidade também, por que dentro da igreja você vê rivalidade, rivalidade de quem repete menos a roupa. (Entrevistada 04)

O conflito e a negação da estrutura colocada nas instituições fica evidente no Fragmento 18, remetendo ao contato com o feminismo e a compreensão de que este pauta o rompimento com as práticas que mantinham as mulheres em situações de opressão. Outro fator citado no Fragmento 18 e reafirmado nos Fragmentos 19 e 20 são as formas com que a bíblia é interpretada de maneira a reafirmar a dominação masculina. As reinterpretações e reconstruções dos escritos sagrados abriram espaço para que a hermenêutica feminista encontrasse traduções diferentes, livre de sexismos e opressões. Marcos (2007) apontou que estas possibilidades criam entendimento sobre uma possível igualdade religiosa.

(19) Então, eu fui vendo que muita coisa era muito problemática, mesmo as coisas que estão escritas na bíblia, e o pessoal leva religiosamente e cegamente, porque que a gente tem que levar um livro que foi escrito a milhares de anos atrás por homens que a gente nem sabe se foi escrito daquele jeito, porque a bíblia já foi completamente alterada, 70% do que está lá nem foi escrito, só foi mudado de acordo com o que a igreja queria, só foi colocado para a dominação feminina. Então, assim, eu abri muito, muito os olhos depois que eu conheci o feminismo, porque a igreja é muito tóxica, ela é muito fechada, é um mundinho assim, que depois que eu sai eu me senti muito sozinha e eu percebi porque a gente só pode ter amigos da igreja, então por isso que a gente se sente sozinha e por isso que depois o pessoal volta, nem é porque está arrependido dos pecados que cometeu, é porque se sente sozinha. Depois que eu

conheci o feminismo eu fui ver, mas eu não estou sozinha, eu tenho muitas iguais a mim. (Entrevistada 05)

(20) Então o feminismo mudou muito minha percepção quanto a isso na bíblia, e a bíblia também é muito cruel. Nossa, lá o pai dava a filha para o soldado para proteger o anjo, dava a filha assim para ser estuprada mesmo, pode levar. E ninguém fala disso, bíblia é muito cruel, muito fria, tem muita coisa absurda. As crianças zoaram o pastor, manda os ursos comerem as crianças, ninguém fala desses versículos. Então assim a minha percepção foi mudando quando eu li a bíblia por mim mesma. Uma coisa é você ir na religião e ficar só escutando o que o pastor fala, outra coisa é você ler a bíblia você mesmo, e falar, poxa vida que amor é esse nesse livro? Que é muito forte, muita violência, muita perseguição. E fala muito de amor também, mas sério para mim a religião nada mais é que um método de controle da população. Ela serve para isso, para controlar a população. (Entrevistada 13)

A maneira com que a bíblia é entendida como escritura posta para controle também é expressa nos Fragmentos 19 e 20, em que as problemáticas levantadas versam sobre o uso pertinente de determinadas passagens para a perpetuação da figura masculina dominante em detrimento das demais interpretações que não são utilizadas pela relativização dos contextos históricos.

Ainda tratando das escrituras bíblicas, Candiotto (2010) tratou da teologia da criação a partir das relações de gênero, ressaltando que nestas teorias é desconstruída a naturalidade feminina, uma vez que entende que são construções sociais resultantes de processos históricos, destacando a importância de uma reconstrução interpretativa para que o campo teológico e religioso seja aberto para a igualdade de gênero.

É possível inferir destes relatos o incômodo que as mulheres passaram a perceber após o contato com o feminismo, em especial nos Fragmentos 19 e 20. O desconforto gerado pelas situações vivenciadas em conflito com as novas percepções, agregado à outras razões já apresentadas neste trabalho, contribuiu para a dissidência das fiéis com as instituições.

(21) Que a gente não precisa ficar presa à regras, à dogmas passados. Que a gente pode ter religião e ter uma identidade. (Entrevistada 09)

(22) Eu acho que mudou bastante, porque, pela religião, o que sempre me foi dito “Você precisa se casar”, “Você precisa arrumar um homem bom”, e até hoje meus pais falam, você precisa namorar, você precisa casar e eu sempre brinco, “Ah, eu ouvi um mestrado, um doutorado”. Mas hoje em dia eles entendem bem mais, mas eu acho que a minha visão de mulher mudou muito depois que eu tive o contato com o feminismo. (Entrevistada 15)

As possibilidades e as mudanças no papel determinado às mulheres também foram relatadas (Fragmento 22), pontuando os novos espaços sociais conquistados e expressando o rompimento com a necessidade de vinculação de uma figura masculina à trajetória feminina. Compreendendo que as mudanças, relatadas nas entrevistas são resultado de conflitos e novas interpretações, buscamos então questionamentos que antecedessem a estas mudanças e quais as questões mais controversas na relação estabelecidas entre as religiões e as mulheres.

(23) Por que a religião ela dita coisas, tipo eu conheço meninas que iam numa igreja que não podia nem fazer depilação, não podia fazer a sobrancelha, não podia cortar o cabelo, mas pro homem não tem nenhuma restrição, ou seja, o homem pode sair pelo mundo, fazer o que ele quiser, que vão passar a mão pra ele, mas uma mulher não pode tipo sequer se arrumar o mínimo, que vai acontecer igual o meu pai, "que cê tá querendo se arrumando, cê tá querendo arrumar o que na rua", sabe? (Entrevistada 04)

(24) Cheguei ao ponto de perguntar "por que". Por que a religião e pra que que ela serve. Porque não fazia sentido. Quando eu entrei na universidade eu ainda estava na igreja. Aí quando eu comecei a passar a pensar um pouquinho mais eu já falei, não, não quero. Não é isso. (Entrevistada 11)

A opressão vivenciada por mulheres, no mesmo sentido que as demais já apresentadas nesta pesquisa, também foi relatada como motivos de conflitos entre o ser mulher e a religião escolhida. Os Fragmentos 23 e 24 apontam que as opressões e a estrutura colocada dentro das instituições, fundamentados na ideia tradicional de religião, causaram os primeiros questionamentos e serviram como ponto de partida para o início das rupturas individuais.

Neste sentido, Scavone (2008) apresentou a ruptura iniciada nas estruturas do campo religioso quando mulheres que são assujeitadas aos preceitos de dominação e hierarquia masculina, elementos centrais no monopólio doutrinário, tem posicionamento contrário ao que é estabelecido. A autora pontua assim as formas alternativas de expressão e espiritualidades, utilizadas por estas mulheres neste movimento, como a criação de novas igrejas, religiões e tradições.

Em contrapartida aos conflitos pontuados, o relato de uma das fiéis entrevistadas (Fragmento 25) se buscou justificar a presença de mulheres em estruturas que as oprimem, pontuando as transformações ocorridas no

contexto religioso e advogando pela necessidade de pessoas que optem por romper com as desigualdades existentes dentro destas instituições.

(25) Eu acho que assim, eu frequentando a igreja é melhor do que eu não frequentar, porque lá, eu, por mais que eu não vou conseguir mudar tudo de uma vez, eu consigo mudar aos poucos, porque existe, existe uma evolução né, a igreja antigamente não aceitava nem que usasse uma guitarra dentro da igreja porque não era um instrumento santo né, entre aspas, hoje em dia se usa guitarra, usa bateria, assim, eu tô usando um exemplo meio tosco mas só para mostrar que as coisas mudam, então eu, eu senti assim, a é uma igreja discrimina as mulheres que não pode ter pastora, mas cara, se eu não for vai ser sempre assim, porque tem que ter pessoas que pensam diferente para conquistar outras pessoas também, entendeu? Eu acho que essa mudança ela vai ser gradativa, e a mudança ela acontece, e ela, e ela é sempre lenta né, leva muitos anos para que efetivamente a gente tenha alguma diferenciação, eu acredito todos os espaços que a gente frequenta a gente se omitir é pior, então eu prefiro estar lá dentro, que é uma, uma fé que eu tenho, que eu gosto de ter, que eu gosto de exercer e poder influenciar positivamente do que me omitir e deixar do jeito que tá. (Entrevistada 03)

O Fragmento 25 expressa de maneira marcante o anseio da entrevistada na mudança dentro da instituição, embora compreenda as omissões e opressões existentes, analisa a necessidade de se manter ativamente no arranjo religioso, corroborando para que desta maneira mais pessoas se engajem na busca por igualdade e quebra de estruturas opressoras.

Desta maneira, considerando as transformações na percepção da religião e os conflitos existentes no universo pesquisado, buscamos compreender quais as mudanças que o feminismo trouxe, direta ou indiretamente, para a vivência das entrevistadas.

(26) Ah, a possibilidade de hoje poder fazer uma faculdade, né!? A possibilidade de poder escolher se eu quero casar ou não, se eu quero ter filhos ou não. (Entrevistada 09)

(27) Eu acho que dar mais a minha voz, sabe? Falar a minha opinião, dizer aquilo que eu quero, apesar de às vezes me sentir oprimida, mas, sempre quando eu me sinto confortável o suficiente eu vou lá e falo e faço mesmo, sabe? (Entrevistada 14)

(28) Eu acho que eu me tornei mais consciente, da minha liberdade, que eu acho que... No momento em que eu tive contato eu percebi que isso era um direito meu, não era algo que eu precisava mudar, era algo que eu só precisava perceber. (Entrevistada 15)

Os Fragmentos 26, 27 e 28 apresentam um conjunto de mudanças que ocorreram na vida das entrevistadas proporcionadas pelo feminismo e

refletem o estímulo para que as mulheres mudem as perspectivas dos espaços sociais, abrindo opções de escolhas no que diz respeito a trabalho, ao estudo e também ao posicionamento delas socialmente.

A liberdade, apontada nos Fragmentos 27 e 28 reflete a consciência adquirida por estas mulheres e a necessidade de que elas tenham um posicionamento frente às opressões para que estas sejam reduzidas e homens e mulheres possam de fato atingir posições iguais na sociedade.

(29) Eu sinto em um momento que pelo feminismo hoje em dia as mulheres, elas não só tem voz mas no momento em que elas são silenciadas, tem outras que se levantam e dão união, e dão força à elas, e elas se sentem parte de um grupo, acho que isso é importante. (Entrevistada 15)

Cabe salientar a percepção de unidade, por vezes trazida pelo feminismo, que as entrevistadas pontuaram (Fragmento 29), reforçando o senso de união entre as mulheres e com isso fornecendo segurança para que apoiem umas as outras para ocuparem novos espaços.

De maneira oposta as conquistas citadas pelas entrevistadas, o fragmento (30) apresenta o choque que ocorreu junto às mudanças trazidas pelo feminismo. É forma com que as mulheres passam a ler a realidade é descrita de forma contudente, mas necessária.

(30) É muito bom, você saber, você abrir os olhos e ver a realidade, mas não é muito bom não você ter conhecimento se não você chora, então assim, foram muito boas as mudanças porque eu puder me conhecer, eu puder ver o que a gente está vivendo hoje em dia só que sem vendas nos olhos ou sem nenhum tule que me deixe ver bonitinho. Eu vejo, é triste ver, que é feio o que estamos vivendo, é triste ver que é feio o que eu vivi minha vida inteira, só que é necessário, são mudanças necessárias, a gente não pode ficar estagnado para sempre. Então, assim, foi triste? Foi. É complicado você ver o mundo que estamos inseridos? É. Mas foram mudanças necessárias. (Entrevistada 05)

O Fragmento 30 também expressa que as rupturas com os contextos religiosos os quais as mulheres estavam inseridas ocorreu de forma traumática, e as novas percepções vieram simultaneamente agregadas de outros sentimentos conflituosos, entretanto, rompendo as amarras que não as permitiam visualizar as desigualdades, tais como as restrições as quais eram sujeitas.

Considerações Finais

Este trabalho teve, como principal objetivo, analisar as semelhanças e diferenças nas representações de gênero no que tange a interseção entre feminismo e religião entre fiéis e ex- fiéis de instituições evangélicas de uma cidade do interior de Minas Gerais.

Apesar de ser notável a lacuna de estudos que tratem as formas de interseção entre gênero, feminismo e religião, é possível perceber o esforço de autores que buscam desvelar as relações de gênero dentro do ensejo religioso e dessa forma os espaços onde o feminismo está inserido.

Foi possível observar a partir desta pesquisa as diferenças na interpretação do que é ser mulher para fiéis e dissidentes, onde o primeiro grupo reforça a diferença entre os gêneros e a possibilidade de que eles somem entre si, ressaltando ainda situações as quais mulheres são expostas que fazem com que essas diferenças sejam atenuadas. Já no grupo de ex fiéis, há uma evidente compreensão em relação à construção social das diferenças dos papéis masculino e feminino e a partir disto as situações de controle e opressão.

Há décadas o feminismo pauta a busca pela igualdade de gênero e pela libertação das mulheres das estruturas opressoras do patriarcado. É verificado nesta pesquisa situações em que embora as mulheres não se denominem feministas, elas fazem o uso de práticas que buscam sua igualdade e autonomia. Os excertos apresentados ilustram a diferença entre os dois grupos, onde mulheres que possuem vínculo com instituições religiosas apresentam entraves para a autoafirmação enquanto feministas, embora pontuem seu posicionamento em favor das causas. O grupo de dissidentes não apresenta bloqueio com relação à sua designação enquanto feministas. Cabe aqui ressaltar ainda a interpretação de que por vezes a religião é apresentada como uma via contrária ao movimento.

Outro ponto onde podemos visualizar a comunhão dos grupos é na forma com que estas passam enxergar a religião a partir do contato com o feminismo. Opressões e situações de silenciamento passam a ser evidenciadas e a partir disso é iniciada a busca pela mudança do lugar estabelecido a elas.

Os avanços conquistados ao longo da luta feminista foram descritos por ambos os grupos, entendendo que não há diferenciação entre a busca de mulheres inseridas no meio evangélico e mulheres que romperam seus vínculos com estas instituições principalmente pela sua fundação refratária à igualdade e aos direitos femininos.

Para além das percepções do ser mulher entre fiéis e ex fiéis e as práticas realizadas no seio das instituições religiosas, são notáveis as semelhanças de situações as quais o grupo pesquisado, como um todo, é exposto cotidianamente, somado aos anseios que apresentam quando colocadas na categoria a qual pertencem: mulheres.

Referências

ALENCAR, Gedeon Freire de; FAJARDO, Maxwell Pinheiro. Pentecostalismos: uma superação da discriminação racial, de classe e de gênero? **Estudos de Religião**, [S.l.], v. 30, n. 2, 2016.

ARAGÃO FILHO, Iran Lima. **Religião e gênero**: o imaginário sobre o lugar da mulher na igreja neopentecostal. 87 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Religião) - Departamento de Ciências Humanas, Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Goiânia, 2011.

BANDINI, Claudirene de Paula. Gênero e poder na Igreja Universal do Reino De Deus. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 13, n. 39, 2015.

BANDINI, Claudirene de Paula. Relações de gênero na Assembleia de Deus: uma análise de trajetória feminina. **Ciências da Religião - História e Sociedade**, São Paulo, v. 13, n. 2, 2015.

BONI, Valdete; QUARESMA, Silvia Jurema. **Aprendendo a entrevistar**: como fazer entrevistas em ciências sociais. Florianópolis: Em Tese, 2005.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.

BUTTELLI, Felipe Gustavo Koch. Ritos e igualdade de gênero: uma análise da potencialidade de construção de (des)igualdade de gênero nos ritos. **Horizonte - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião da PUC Minas**, Belo Horizonte, v. 6, n. 12, 2008.

CAMPOS, Claudinei José Gomes. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n.5, 2004.

CANDIOTTO, Jaci de Fátima Souza. A teologia da criação na perspectiva das relações de gênero. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 24, n. 39, 2010.

CAREGNATO, Rita Catalina Aquino; MUTTI, Regina. Pesquisa qualitativa: análise de discurso versus análise de conteúdo. **Texto contexto - enferm.**, Florianópolis, v. 15, n. 4, 2006.

COSTA, Patrícia Garcia. A representação do feminino na mídia pentecostal: uma análise de discurso do quadro abrindo o coração. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 3, n. 1, 2014.

COSTA, Renata; MADEIRA, Maria Zelma; SILVEIRA, Clara Maria. Relações de gênero e poder: tecendo caminhos para a desconstrução da subordinação feminina. In: Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero, 17., 2012, João Pessoa. **Anais eletrônicos**. João Pessoa: Editora Universitária UFPB, 2012. p. 222-240. Disponível em: <<http://www.ufpb.br/evento/liti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/56>>. Acesso em: 03 Abr. 2018.

DINIZ, Debora; FOLTRAN, Paula. Gênero e feminismo no Brasil: uma análise da Revista Estudos Feministas. **Revista de Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 12, n. spe, 2004.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Epistemologia feminista: contribuições para o estudo do fenômeno religioso. **Paralellus**, Recife, v. 6, n. 13, 2016.

FREIRE, Ana Ester Pádua. Perspectivas de gênero nos Estudos da religião: contribuições das ciências feministas. **Interações**, Belo Horizonte, v. 13, n. 23, 2018.

GEBARA, Ivone. **Vulnerabilidade, justiça e feminismos**. São Bernardo do Campo: Nhanduti, 2010.

GROSS, Rita. **Feminism & Religion**. Boston, Beacon Press, 1996.

LOPES, Mercedes. Gênero e discurso religioso. **Revista Relegens Thréskeia**, [S.l.], v. 2, n. 2, 2013.

LIMA, Rita de Lourdes de. Diversidade, identidade de gênero e religião: algumas reflexões. **Revista em Pauta**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 28, 2011.

MACHADO, Maria Das Dores Campos. SOS mulher: a identidade feminina na mídia pentecostal. **Ciencias Sociales y Religión**, Porto Alegre, v. 1, n. 1, 1999.

MARCOS, Sylvia. Religión y Género: contribuciones a su estudio en América Latina introducción al volumen religión y género. **Estudos de Religião**, [S.l.], v. 21, n. 32, 2007.

MINAYO, Maria Cecilia de Souza. (Org.); DESLANDES, Suely Ferreira; **Pesquisa social**: teoria, método e criatividade. Petrópolis: Vozes, 2002.

PRA, Jussara Reis. Mulheres, direitos políticos, gênero e feminismo. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 43, 2014.

QUEIROZ, Fernanda Marques de. **Não se rima amor e dor**: cenas cotidianas de violência contra a mulher. Mossoró, RN: UERN, 2008.

RIBEIRO, L. Nos meandros da caminhada: a questão de gênero nas Comunidades Eclesiais de Base (CEBs). **Ciências Sociais e Religião**, Porto Alegre, v. 5, n. 5, 2003.

ROCHEFORT, Florence. Contrecarrer ou interroger les religions. In: GUBIN, Eliane et al. (dirs.). **Le siècle des féminismes**. Paris: Les Éditions de l'Atelier/Éditions Ouvrières, 2004.

ROESE, Anete. Feminismo E Religião: conquistas e desafios do século XXI. **Caderno Espaço Feminino**, Uberlândia, v. 29, n. 1, 2016.

ROSADO, Maria José. O impacto do feminismo sobre o estudo das religiões. **Cadernos Pagu**, Campinas, n. 16, 2001.

ROSADO, Maria José. Feminismo, gênero e religião – os desafios de um encontro possível. **Estudos de Religião**, São Paulo, v. 31, 2017.

RUBIN, Gayle. The Traffic in Women: Notes on the political economy of sex. In: REITER, R. (Ed.). **Toward an Anthropology of Women**, New York: Monthly Review Press, 1975, Traduzido para o português e publicado por SOS Corpo e Cidadania.

SCAVONE, Lucila. Religiões, Gênero e Feminismo. **Revista de Estudos da Religião**, São Paulo, 2008.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. **Revista Educação e Realidade**, Recife, v. 20 n. 2, 1990.

SILVA, Amanda Daniele. **Ser homem, ser mulher**: as reflexões acerca do entendimento de gênero. In: Mãe/mulher atrás das grades: a realidade imposta pelo cárcere à família monoparental feminina [online]. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura Acadêmica, 2015.

SOUSA, Luana Passos De; GUEDES, Dyeggo Rocha. A desigual divisão sexual do trabalho: um olhar sobre a última década. **Estudos Avançados**, São Paulo, v. 30, n. 87, 2016.

SOUZA, Carolina Bezerra. Mulheres, religião e mudança social: uma aproximação ao tema no ambiente da ditadura militar no Brasil. **PLURA - Revista de Estudos de Religião**, [S.l.], 2015.

SOUZA, Sandra Duarte (Org.). **Gênero e religião no Brasil**: ensaios feministas. São Bernardo do Campo: Ed. da Umesp, 2007.

TEIXEIRA, Marilane Oliveira. Desigualdades salariais entre homens e mulheres a partir de uma abordagem de economistas feministas. **Gênero**. Niterói, v. 9, n. 1, 2008.

VINUTO, Juliana. A amostragem em bola de neve na pesquisa qualitativa: um debate em aberto. **Temáticas**, Campinas, v. 44, n. 22, 2014.